A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NAS NARRATIVAS INFANTIS: UM ESTÍMULO À IMAGINAÇÃO, EMOÇÃO E MEMÓRIA

GRAZIANA MATIAS VIANA DE CARVALHO

RESUMO

A música, reconhecida como linguagem universal, exerce papel essencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Quando integrada às narrativas infantis, ela contribui para ampliar a imaginação, despertar emoções e facilitar a memorização de conteúdos, tornando-se uma ferramenta poderosa no processo de aprendizagem. Este artigo tem como objetivo refletir sobre como a música complementa e enriquece as histórias infantis, destacando sua importância na formação de sentidos e na experiência estética das crianças. A pesquisa fundamenta-se em uma revisão bibliográfica que aborda a inteligência musical (Gardner), a percepção sonora (Willems e Schafer) e o uso da música em contextos pedagógicos e terapêuticos. Através desse embasamento teórico, analisa-se o impacto da musicalidade na construção narrativa e no envolvimento infantil com o enredo. O estudo mostra que, ao ser utilizada como recurso narrativo, a música pode marcar atmosferas, representar personagens, intensificar emoções e colaborar com a fixação de informações. Em práticas como a contação de histórias com instrumentos ou trilhas sonoras, observa-se um aumento no engajamento, na escuta ativa e na participação das crianças. Além disso, são discutidas aplicações pedagógicas e terapêuticas, evidenciando como a música pode ser aliada em processos educativos inclusivos e no apoio ao desenvolvimento infantil, especialmente em casos de crianças com necessidades específicas. Conclui-se que a integração entre música e narrativa infantil representa uma estratégia sensível, criativa e eficaz, capaz de transformar o aprendizado em uma experiência rica, lúdica e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: música, narrativa infantil, emoção, memorização, educação.

INTRODUÇÃO

A infância é um período singular e repleto de descobertas, marcado por intensas interações sensoriais e simbólicas que moldam o desenvolvimento humano em múltiplas dimensões. Nesse processo, as narrativas infantis desempenham um papel crucial, funcionando como uma ponte entre o mundo interior da criança e os significados compartilhados culturalmente. Por meio das histórias, as crianças acessam emoções, valores, estruturas linguísticas e possibilidades imaginativas que contribuem significativamente para sua formação integral. É nesse universo encantado das narrativas que a música, enquanto linguagem universal, encontra um terreno fértil para ampliar sentidos, despertar afetos e fortalecer vínculos cognitivos.

A música, desde os primeiros meses de vida, exerce influência direta sobre o desenvolvimento infantil, sendo capaz de estimular a inteligência, promover o bemestar emocional e facilitar a comunicação. Estudos como os de Howard Gardner (1994), com sua Teoria das Inteligências Múltiplas, ressaltam a importância da inteligência musical como uma das formas de expressão e compreensão do mundo. Nesse contexto, a integração entre música e narrativa infantil aparece como uma estratégia potente para potencializar o processo de aprendizagem, fortalecer a memória e promover experiências estéticas ricas e significativas.

Quando incorporada às histórias infantis — seja por meio de canções, trilhas sonoras, efeitos sonoros ou musicalizações simples — a música deixa de ser apenas um elemento complementar e passa a atuar como coautora da narrativa. Ela contribui para criar atmosferas, marcar ritmos, representar personagens e intensificar as emoções transmitidas pelo enredo. Nas contações de história, por exemplo, o uso de instrumentos como chocalhos, tambores e kalimbas pode transformar a recepção da criança, tornando o momento mais imersivo, lúdico e afetivo. Em obras audiovisuais destinadas ao público infantil, é comum que determinados personagens possuam temas musicais próprios, o que facilita sua identificação e reforça sua presença na memória afetiva das crianças.

Dessa forma, este artigo propõe uma refle-

xão sobre como a música pode enriquecer as histórias destinadas ao público infantil, explorando seu impacto nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais do desenvolvimento infantil. A partir de uma revisão bibliográfica, buscou-se fundamentar teoricamente a relação entre música e narrativa, a partir de autores que abordam a musicalidade na infância, a importância da imaginação e da emoção na aprendizagem, bem como os usos pedagógicos e terapêuticos da música. O objetivo dessa revisão é oferecer subsídios conceituais que sustentem a análise da prática e ampliem a compreensão sobre o potencial educativo e simbólico da sonoridade nas narrativas.

Com base em contribuições teóricas e exemplos práticos, discute-se o papel da música como recurso narrativo e pedagógico, destacando suas contribuições para a imaginação, a emoção e a memorização de conteúdo. Busca-se, ainda, evidenciar como essa articulação entre som e palavra pode ser aplicada tanto em contextos educativos quanto terapêuticos, ampliando as possibilidades de atuação de educadores, contadores de histórias e profissionais da saúde.

Entende-se, portanto, que refletir sobre a musicalidade nas narrativas infantis não é apenas reconhecer seu valor estético, mas compreender seu potencial como ferramenta de aprendizagem, expressão e desenvolvimento humano. Em tempos em que se busca cada vez mais metodologias ativas e abordagens integradoras na educação, a aliança entre música e narrativa surge como um caminho sensível e eficaz para promover experiências significativas de escuta, encantamento e formação de sentidos na infância.

A MÚSICA COMO LINGUAGEM UNIVERSAL NA INFÂNCIA

A música está presente na vida humana desde os primeiros instantes, mesmo antes do nascimento. Estudos indicam que os fetos já respondem a estímulos sonoros ainda no útero materno, demonstrando que a musicalidade é uma experiência primordial na existência humana (TORRENT, 1997). Essa relação precoce com o som e a música demonstra que, muito além de entretenimento, a música constitui-se como uma linguagem universal, acessível e potente no processo de desenvolvimento infantil.

De acordo com Howard Gardner (1994), em sua Teoria das Inteligências Múltiplas, a inteligência musical é uma das primeiras a se manifestar na infância. Essa inteligência diz respeito à sensibilidade para os sons, ritmos, tons e padrões musicais, e pode ser estimulada e desenvolvida com experiências sonoras significativas. Gardner enfatiza que as crianças que vivenciam ambientes ricos em estímulos musicais tendem a apresentar maior facilidade de expressão emocional, criatividade e desenvolvimento da linguagem. Assim, a música não deve ser vista como um mero adorno nas práticas educativas, mas como uma ferramenta cognitiva essencial.

Nessa mesma direção, Edgar Willems (1981) defende que a musicalidade é inerente ao ser humano e está intimamente ligada à sua formação integral. Para Willems, a música possui um valor educativo profundo, pois desperta e organiza as faculdades sensoriais, motoras, afetivas e mentais da criança. Ele propõe uma educação musical baseada na vivência e na escuta, permitindo que a criança desenvolva uma percepção auditiva refinada e uma maior consciência corporal e emocional.

Já Murray Schafer (1997), ao estudar a paisagem sonora (soundscape), destaca o impacto do ambiente sonoro na construção da percepção e do comportamento infantil. Segundo o autor, os sons que cercam a criança — tanto os naturais quanto os culturais — são fundamentais na formação de sua identidade auditiva e de sua compreensão de mundo. A música, nesse sentido, atua como uma linguagem simbólica que comunica sensações, emoções e significados de forma não verbal, dialogando diretamente com o universo interno da criança.

A musicalidade, portanto, exerce funções que vão além da estética ou da recreação. Ela contribui para o desenvolvimento da atenção, da memória, da coordenação motora, da linguagem verbal e não verbal, da socialização e da expressão emocional. De acordo com Penna (1990), a música permite que a criança organize suas experiências internas e externas, funcionando como uma

ponte entre o mundo subjetivo e o meio social em que está inserida.
Além disso, a música é uma das primeiras formas de linguagem que a criança compreende intuitivamente. Brincadeiras cantadas, canções de ninar, jogos rítmicos e experiências musicais espontâneas fazem parte do cotidiano infantil e servem como veículos de aprendizagem e comunicação. Como afirma Brito (2003), a música possui uma linguagem própria, que é percebida pela criança de forma sensorial, corporal e afetiva, favorecendo sua interação com o mundo e com os outros.
Nesse sentido, reconhecer a música como linguagem universal é também reconhecer sua potência pedagógica. Quando inserida em contextos educativos, a música não apenas auxilia no ensino de conteúdos escolares, mas contribui para uma formação mais sensível, crítica e criativa. Como observa Ilari (2011), experiências musicais significativas podem transformar o ambiente escolar em um espaço de escuta, expressão e construção coletiva de sentidos.
Portanto, ao se considerar a infância como um momento privilegiado para o desenvolvimento integral do ser humano, é fundamental que a música seja valorizada como um instrumento de linguagem, cognição e cultura. Seu uso intencional e sensível nas práticas educativas pode ampliar horizontes, despertar potencialidades e fortalecer vínculos afetivos e sociais. A música é, antes de tudo, uma forma de estar no mundo — e, para a criança, uma forma genuína de compreendê-lo e reinventá-lo.

MÚSICA E NARRATIVA: UM DIÁLOGO SENSÍVEL

A relação entre música e narrativa não é recente. Desde os primórdios da oralidade, a humanidade recorre ao som e à melodia como formas de dar vida às histórias, criando atmosferas envolventes e facilitando a transmissão de saberes. Na tradição popular, por exemplo, é comum encontrar cantigas que contam histórias, lendas e mitos acompanhadas de instrumentos simples ou entoadas em coros. Essa prática demonstra que a musicalidade sempre esteve presente como elemento estruturador da narrativa, potencializando a experiência sensorial e afetiva dos ouvintes. Quando se trata do universo infantil, essa relação torna-se ainda mais significativa. As crianças não apenas escutam histórias, mas as vivem com o corpo, a emoção e a imaginação. Inserir a música nesse processo não é um mero recurso lúdico, mas uma forma de intensificar a conexão da criança com o enredo, com os personagens e com os sentimentos evocados. Como afirma Bamberger (1994), "a música tem a capacidade de tornar mais vívido e compreensível aquilo que é abstrato, pois mobiliza múltiplos canais de percepção e expressão".
A música, ao dialogar com a narrativa, pode assumir diversas funções: criar ambientes, representar personagens, marcar mudanças de tempo ou espaço, ressaltar clímax ou finalizações e até mesmo guiar a interpretação emocional da história. Essa multifuncionalidade transforma a música em uma coautora da narrativa, atuando junto à linguagem verbal para construir significados.

MÚSICA COMO ELEMENTO DRAMATÚRGICO

Em narrativas audiovisuais, como filmes e desenhos animados, a música cumpre um papel essencial na construção dramática. A chamada trilha sonora (score) é cuidadosamente composta para guiar o espectador pelas emoções da história. Em obras infantis, é comum que certos personagens tenham temas musicais próprios, que surgem sempre que aparecem em cena, criando uma associação sonora imediata com suas características. Essa técnica, conhecida como leitmotiv, foi amplamente explorada por compositores como Wagner na ópera e por estúdios como a Disney na animação. Quando a criança ouve a melodia associada a um personagem, ela rapidamente reconhece sua presença, mesmo antes de vê-lo, e já antecipa emoções e ações. Isso contribui não apenas para o envolvimento afetivo, mas também para o desenvolvimento da escuta ativa e da percepção auditiva.
Segundo Cambraia (2010), a música nos filmes e nas histórias tem o poder de

"ampliar a expressividade narrativa, tornando-a mais sensível, rica e acessível às crianças em suas múltiplas formas de compreender o mundo". Ao conectar som e imagem

(ou som e palavra), as histórias ganham novas camadas de sentido, acessíveis mesmo às crianças que ainda não dominam completamente a linguagem verbal.

A MUSICALIDADE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

No contexto da contação oral, a inserção de elementos musicais pode transformar radicalmente a experiência narrativa. O contador de histórias que utiliza instrumentos simples — como chocalhos, pandeiros, tambores, sinos ou kalimbas — cria paisagens sonoras que ampliam a expressividade do enredo. Esses instrumentos não precisam ser complexos ou sofisticados: basta que sejam bem utilizados, de forma intencional e sensível.

A narração pode ser intercalada com canções, refrões ritmados ou efeitos sonoros que representem ações (como passos, chuva, vento, batidas de coração). Isso estimula a atenção, marca os momentos importantes da narrativa e envolve a criança corporalmente, pois ela tende a reagir com movimentos, expressões faciais ou até mesmo imitação sonora. Segundo Barbosa (2014), "o som provoca na criança reações imediatas, despertando sua curiosidade e favorecendo a interação com a história". Essa interação é fundamental para o processo de aprendizagem, pois quanto mais envolvida emocionalmente a criança estiver, maior será sua capacidade de compreensão e memorização.

MÚSICA COMO ATIVADORA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

A música, em sua essência, é uma linguagem emocional. Como pontua Juslin e Sloboda (2001), a música ativa áreas do cérebro ligadas à emoção, à memória e à imaginação. Quando associada à narrativa, ela se torna um canal potente de ativação sensorial e afetiva, capaz de intensificar o significado das palavras e criar uma atmosfera imersiva. Por exemplo, uma história sobre uma tempestade ganha outra dimensão quando sons de trovões, vento e chuva são incorporados musicalmente. Da mesma forma, uma canção de ninar entoada durante a narrativa pode criar uma sensação de acolhimento e segurança, favorecendo a empatia com os personagens. Esses recursos ativam a memória afetiva e ampliam as possibilidades de interpretação do enredo, mesmo quando ele é simples.

Além disso, a música ajuda a marcar ritmos narrativos, estabelecendo pausas, tensões e resoluções. Como afirma Oliveira (2015), "o ritmo musical pode acompanhar o ritmo da fala e da ação, contribuindo para a coesão e fluidez da história contada". Isso favorece não apenas a escuta, mas também a oralidade da criança, que aprende sobre cadência, entonação e expressividade.

A ESCUTA ATIVA E PARTICIPATIVA

Outro aspecto relevante da presença da música nas narrativas infantis é o estímulo à escuta ativa. Em um cenário contemporâneo dominado por estímulos visuais imediatos — como telas, vídeos e jogos digitais —, promover espaços onde a criança possa desenvolver a atenção auditiva, a sensibilidade e a escuta consciente tornaram-se um desafio pedagógico urgente. Nesse sentido, a contação de histórias com recursos sonoros e musicais surge como uma estratégia eficaz para resgatar e valorizar o papel da escuta no processo de aprendizagem e de formação integral da criança. A escuta ativa, ao contrário da escuta passiva, requer envolvimento, atenção e disposição para interagir com o que está sendo ouvido. Quando associada à musicalidade, ela se torna mais atraente e significativa para o público infantil, pois a música aciona mecanismos emocionais, sensoriais e motores. A criança não apenas escuta com os ouvidos, mas também com o corpo, com o coração e com a imaginação, como afirma Ilari (2011), ao destacar que a música ativa múltiplas áreas cerebrais simultaneamente, potencializando a concentração e o prazer na escuta.

Durante a narração de histórias com música, é comum que a criança participe ativamente: canta refrões, imita sons de personagens ou da natureza, acompanha ritmos com palmas, batidas de pés ou instrumentos de percussão simples, e até mesmo cria sons e movimentos inspirados na narrativa. Essa participação espontânea é uma manifestação de escuta engajada e responsiva, em que a criança se torna coautora da experiência sonora e narrativa. Como defende Santos (2013), "ao interagir com os sons, a criança constrói sentidos próprios, negocia

significados e participa ativamente da construção do conhecimento". Além disso, essa forma de escuta favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, cooperação, respeito à vez do outro, e consciência do grupo. Ao cantar em grupo, por exemplo, a criança aprende a escutar o outro, ajustar seu ritmo, coordenar ações e respeitar regras coletivas. Tais experiências vão além do campo da linguagem ou da música, pois impactam diretamente a formação ética e relacional da criança.

O ambiente sonoro criado pela narração musicalizada também proporciona segurança afetiva, especialmente para as crianças mais tímidas ou com dificuldades de comunicação verbal. Ao participar da história por meio do som — cantando ou reproduzindo efeitos sonoros —, essas crianças encontram formas alternativas de expressão e inserção no grupo, o que fortalece sua autoestima e senso de pertencimento. Como explica Fonterrada (2008), "a música é um meio de comunicação não-verbal poderoso, que permite à criança expressar sentimentos e pensamentos para além da linguagem falada".

Nesse contexto, o papel do educador, mediador ou contador de histórias é essencial. É ele quem orquestra essa escuta ativa, criando espaços seguros e criativos para a participação das crianças. O profissional sensível à musicalidade consegue modular a voz, introduzir pausas, silêncios e sons de forma expressiva, instigando a curiosidade e a escuta interessada. Segundo Penna (2002), a mediação sonora do adulto é determinante para que a criança atribua significado ao que ouve e desenvolva prazer pela escuta. Assim, a escuta ativa e participativa vai além da simples audição: trata-se de uma prática sensível, relacional e estética que promove envolvimento cognitivo, emocional e social. Por isso, deve ser incentivada não apenas em atividades pontuais, mas como parte integrante das rotinas pedagógicas na educação infantil. Promover momentos de escuta ativa com música e narrativa é, portanto, investir no desenvolvimento integral da criança, respeitando seu modo próprio de conhecer o mundo: com o corpo inteiro.

IMPACTOS NA IMAGINAÇÃO, EMOÇÃO E MEMÓRIA

A presença da música nas narrativas infantis vai além de um recurso estético ou lúdico: ela exerce efeitos profundos no desenvolvimento psíquico, emocional e cognitivo da criança. A musicalidade, quando integrada ao enredo das histórias, atua como uma linguagem sensível que dialoga diretamente com os mecanismos da imaginação, da emoção e da memória — três pilares fundamentais para a formação integral do sujeito em seus primeiros anos de vida.

A imaginação infantil é um território fértil, aberto à invenção e à construção de mundos simbólicos. Ao ser estimulada pela música, ela se expande, ganha novas cores, formas e possibilidades. As melodias, os ritmos e os sons presentes nas histórias atuam como verdadeiros "gatilhos criativos", despertando imagens mentais e sensações que muitas vezes transcendem o conteúdo verbal da narrativa. Como afirma Vygotsky (2007), a imaginação é uma função psicológica superior essencial à aprendizagem, e a arte — especialmente a música — contribui diretamente para seu desenvolvimento, pois permite à criança projetar-se em situações ficcionais, interpretar papéis e vivenciar experiências simbólicas.

No que diz respeito à emoção, a música possui uma capacidade única de acessar e mobilizar estados afetivos. Diversos estudos em neurociência demonstram que a escuta musical ativa áreas do cérebro relacionadas à emoção, como o sistema límbico e o córtex pré-frontal, responsáveis pela regulação do afeto e do comportamento social (Levitin, 2006). Quando a música se entrelaça à narrativa, ela intensifica o envolvimento emocional da criança, proporcionando experiências estéticas mais profundas e marcantes. Uma melodia suave pode evocar ternura; um ritmo acelerado pode gerar excitação ou suspense. Esse jogo sonoro contribui para que a criança se conecte afetivamente com os personagens e acontecimentos, favorecendo a empatia e a identificação.

A memória, por sua vez, é diretamente beneficiada pelo uso da música em histórias infantis. A combinação entre palavras e melodias facilita a fixação e evocação de conteúdos, especialmente quando são utilizados refrões, rimas ou estruturas rítmicas repe-

titivas. Como observa Fonterrada (2008), "o caráter repetitivo e melódico da música atua como organizador da memória, tornando os conteúdos mais acessíveis e duradouros". Não é à toa que muitas histórias infantis são contadas em forma de canções ou utilizam trechos cantados para marcar passagens importantes da narrativa. Essas estratégias não apenas reforçam o conteúdo da história, mas também tornam a experiência mais prazerosa e memorável para a criança.

A articulação entre imaginação, emoção e memória na experiência musicalnarrativa também contribui para a construção de sentido. A criança não apenas "assiste" ou "ouve" uma história; ela a vive, participa, se envolve e a internaliza. Como aponta Oliveira (2012), o envolvimento afetivo e simbólico com o conteúdo é o que permite à criança construir significados duradouros, articulando o conhecimento novo com suas vivências e emoções. A música, nesse contexto, atua como mediadora dessa construção, por meio de sua linguagem sensível e corporal.

Além desses impactos internos e simbólicos, a música nas narrativas infantis apresenta-se como uma ferramenta de grande potencial em contextos pedagógicos e terapêuticos. A integração entre som e história contribui para a criação de experiências significativas, que favorecem tanto o aprendizado quanto o desenvolvimento emocional e social da criança.

No contexto da educação infantil, a presença da música nas histórias não apenas torna o ambiente mais lúdico e atrativo, mas também possibilita o trabalho com conteúdo fundamentais para a formação cidadã e afetiva da criança. Temas como diversidade, empatia, valores sociais, respeito e autocontrole emocional podem ser abordados com maior sensibilidade e eficácia quando mediados por histórias musicadas. Segundo Pimenta (2012), a música facilita a assimilação de valores e conteúdos abstratos porque se comunica diretamente com a afetividade da criança, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

A contação de histórias com música, nesse sentido, estimula a escuta ativa, a expressão corporal, o diálogo e a colaboração. Professores e contadores de histórias têm se apropriado dessa prática para enriquecer suas abordagens, tornando os momentos pedagógicos mais participativos e envolventes. A música, nesse contexto, não é apenas suporte: ela é parte integrante do processo educativo, articulando-se com os objetivos pedagógicos de maneira sensível e criativa.

Em paralelo, os contextos terapêuticos também se beneficiam profundamente da associação entre música e narrativa. A musicoterapia, prática consolidada no campo da saúde, utiliza os elementos sonoros — ritmo, melodia, timbre, silêncio — como meios de promoção da saúde emocional e do desenvolvimento neuropsicomotor. Quando aliada à contação de histórias, a música torna-se uma linguagem acessível para expressar sentimentos, elaborar conflitos e estabelecer vínculos terapêuticos. Crianças que apresentam dificuldades de comunicação, transtornos do desenvolvimento — como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) — ou traumas emocionais podem encontrar nas histórias musicadas uma via segura e motivadora para a expressão e a escuta.

Estudos como os de Schwartz e Fernandéz (2017) apontam que a utilização de narrativas sonoras em sessões terapêuticas favorece o engajamento da criança, reduz a ansiedade e promove avanços na interação social. O som, especialmente quando estruturado de forma musical, atua como mediador entre o mundo interno da criança e o ambiente externo, facilitando o processo de comunicação e autoconhecimento.

Vale destacar que essas práticas não requerem, necessariamente, habilidades musicais avançadas por parte do educador ou terapeuta. Muitas vezes, o uso de instrumentos simples, cantigas populares ou sons do corpo já é suficiente para gerar envolvimento e favorecer os objetivos pedagógicos e terapêuticos. O mais importante é o modo como esses elementos são integrados de forma intencional e sensível à proposta de trabalho.

Assim, o uso da música em narrativas infantis, tanto na educação quanto na terapia, mostra-se como uma prática interdisciplinar rica, que respeita a criança em sua totalidade — corpo, emoção, pensamento, linguagem — e favorece uma experiência de aprendizagem e cuidado mais humana, significativa e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre música e narrativa no universo infantil constitui um campo fértil de possibilidades educativas, terapêuticas e culturais. Longe de ser uma prática meramente recreativa, o uso da música em histórias infantis se revela uma estratégia pedagógica profundamente enraizada na forma como a criança apreende o mundo, constrói sentidos e estabelece vínculos afetivos e sociais.

A música, como linguagem universal, alcança camadas profundas da cognição e da emoção. Ela atravessa fronteiras linguísticas e culturais, permitindo que as crianças se conectem com sentimentos, ideias e valores de forma intuitiva e sensível. Quando integrada às narrativas orais, escritas ou visuais, a música contribui significativamente para a ampliação da imaginação, o fortalecimento da memória e o envolvimento emocional com a história contada. Ao mesmo tempo, estimula habilidades fundamentais como a escuta ativa, a expressão corporal, a criatividade e a empatia.

No contexto pedagógico, a presença da música nas histórias permite que os professores explorem conteúdos curriculares e socioemocionais de maneira lúdica e significativa. A musicalização das narrativas possibilita, por exemplo, abordar temas complexos como respeito às diferenças, convivência ética, autocuidado e sentimentos, tudo isso de forma natural e acessível. Além disso, a musicalidade favorece o desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora, da atenção e da socialização — competências essenciais na primeira infância.

No campo terapêutico, especialmente por meio da musicoterapia, a fusão entre música e narrativa tem se mostrado eficaz no estímulo de habilidades comunicativas e emocionais em crianças com dificuldades de desenvolvimento, como no caso de transtornos do espectro autista (TEA). O ritmo, os sons e as melodias despertam respostas emocionais e comportamentais que muitas vezes não seriam alcançadas por meios convencionais. Assim, a música se torna não apenas uma ferramenta de expressão, mas também de acolhimento e cuidado.

As histórias musicadas também promovem um tipo de escuta que vai além da audição: uma escuta afetiva, simbólica e ativa. A criança não apenas ouve, mas participa, canta, gesticula, interage e constrói junto com o narrador uma experiência estética e subjetiva. Essa interação fortalece os laços afetivos entre a criança e o adulto, cria memórias significativas e alimenta a autoestima e o senso de pertencimento.

Portanto, é imprescindível que profissionais da educação, da saúde e da cultura reconheçam o valor da música nas práticas narrativas com crianças. Investir nessa abordagem é investir na formação integral da infância, considerando sua complexidade e riqueza. Que as histórias continuem sendo cantadas, sentidas e vividas, contribuindo para o florescimento de infâncias mais criativas, sensíveis, expressivas e felizes.

REFERÊNCIAS

FONTEERRADA, Maria Teresa. Música e educação: uma introdução à etnomusicologia. São Paulo: UNESP, 2008.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

ILARI, Beatriz. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

LEVITIN, Daniel J. A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. A linguagem das cores e dos sons: arte, educação e infância. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2012.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. A escuta da infância: dialogando com a música e a literatura infantil. São Paulo: Cortez, 2006.

PENNA, Maura. Educação musical: do palco

à sala de aula. São Paulo: Moderna, 2002.

PENNA, Maura A. Música e infância: práticas e perspectivas. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Rosane Farinha dos. A escuta e a musicalidade na infância: experiências no cotidiano educativo. Curitiba: Appris, 2013.

SCHAFFER, R. Murray. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 1991.

SCHWARTZ, Gisela; FERNANDÉZ, Célia. Musicoterapia: da infância à maturidade. São Paulo: Summus, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILLEMS, Edgar. A música na educação da criança. São Paulo: Ricordi, 1990.

ZAKHOUK, Carina. Narrativas sonoras: música e literatura para a infância. São Paulo: Panda Books, 2016.